

Considerações Finais

O conceito de dialética da natureza revela uma grande atualidade nos dias de hoje, sobretudo porque vivemos uma época onde se pode verificar um problemático processo de depredação do meio ambiente pelas práticas produtivas do capital.

O conceito de dialética da natureza está fundado na compreensão de que tanto o homem como a natureza que lhe é exterior pertencem a um todo maior: a Natureza. A natureza é a totalidade do real, o conjunto da realidade, do qual faz parte o próprio homem e o domínio material por ele criado. É através do trabalho que o homem engendra o processo de transformação da natureza, da natureza exterior ao homem e de sua própria natureza humana. Esse processo de transformação e de humanização constitui a dialética da natureza, um processo que jamais poderá deixar de existir ao longo de toda a vida humana.

A afirmação da “unidade” entre o homem e a natureza parece ter um significado bastante crítico em relação à forma como o capital tem historicamente se apropriado da natureza. Ao invés de reconhecer a natureza como uma parte do corpo do homem, o seu corpo inorgânico, o capital utiliza a natureza segundo seus fins estreitos e limitados, desconsiderando não apenas a satisfação das reais necessidades humanas como também os limites e exigências que a natureza necessariamente impõe. Ele passa a tratar a natureza como se não tivesse nada a ver com ela, como se não estivesse sempre no meio dela e fizesse parte dela. O capital busca dominar a natureza do mesmo modo como um conquistador domina um povo estrangeiro.

Se a dialética da natureza que o trabalho engendra não poderá jamais deixar de existir, o mesmo não se pode dizer da forma histórica que engendrou o antagonismo nesse processo. O antagonismo entre o homem e a natureza surge num determinado período da história social humana e, exatamente por tratar-se de um fenômeno histórico, pode também ser historicamente suprimido.

Marx parece deixar claro, em vários trechos de sua obra, que o antagonismo verificado no intercâmbio com a natureza resulta do próprio modo de funcionamento do sistema do capital, e não apenas de um defeito que pudesse ser superado por alguma reforma. Para Marx, o estabelecimento de uma forma qualitativamente superior de intercâmbio material com a natureza só será possível através de uma substancial

transformação na forma como os homens se relacionam entre si. Um elemento essencial dessa transformação consiste na restituição da unidade entre os produtores e as condições naturais e inorgânicas de produção. Enquanto persistir essa separação, enquanto houver a divisão social do trabalho estruturalmente hierarquizada do capital, continuarão prevalecendo as determinações alienadas que se impõem sobre o trabalho, ou seja, ao invés de dominarem o processo de trabalho, os seres humanos continuarão sendo dominados pela estrutura totalizante e totalitária que caracteriza o sistema de metabolismo social do capital.

A obra de Marx fornece algumas indicações que devem ser exploradas. A “crítica da economia política” deve encontrar na “crítica da ecológica política” um importante reforço na crítica contra a ordem social dominante. Para Marx, a transformação do sistema do capital nunca foi um fim em si mesmo. A sociedade deveria ser radicalmente transformada porque esta era uma necessidade para a construção de condições em que se tornasse possível o livre desenvolvimento dos indivíduos. Todavia, uma verdadeira transformação na forma de vida dos seres humanos requer também a construção de uma nova forma de intercâmbio com a natureza. Não parece possível haver livre desenvolvimento dos indivíduos num meio ambiente degradado. Por isso, a crítica ao capital não pode deixar de levar em conta a questão ambiental. Mediante os graves processos de destruição sistemática da natureza, a crítica contra a destruição da natureza deve se tornar um elemento cada vez mais importante da crítica marxista ao sistema do capital.